

**A TIPOLOGIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E OS ATOS
COMUNICATIVOS: O CASO DA RESERVA INDÍGENA RAPOSA SERRA DO
SOL (2005 – 2009)**

**THE SOCIAL REPRESENTATION OF TYPOLOGY AND THE
COMUNICATIVES ACTS: RAPOSA SERRA DO SOL INDIAN RESERVATION
CASE**

**Claudomilson Fernandes Braga¹
Simone Antoniaci Tuzzo²**

RESUMO: O objetivo deste artigo é demonstrar a partir da tipologia das Representações Sociais e dos atos comunicativos, sistematização desenvolvida por Serge Moscovici, a relação existente entre estes dois universos conceituais e como a difusão também pode subsidiar a construção de Representações Sociais do tipo polêmica. O presente estudo teve como base amostral todas as notícias publicadas pelo jornal Folha de São Paulo entre os anos de 2005 e 2009, período em que ocorreu processo de demarcação e homologação da Terra Indígena Raposa / Serra do Sol no estado de Roraima (Brasil). A categorização do *corpus* textual (STRAUSS E GLASER, 1967; GLASER, 1978; STRAUSS, 1987; STRAUSS E CORBIN, 1999/1998) com posterior análise estatística através do software SPSS possibilitou identificar a relação entre os atos comunicativos do tipo difusão e as RS polêmicas.

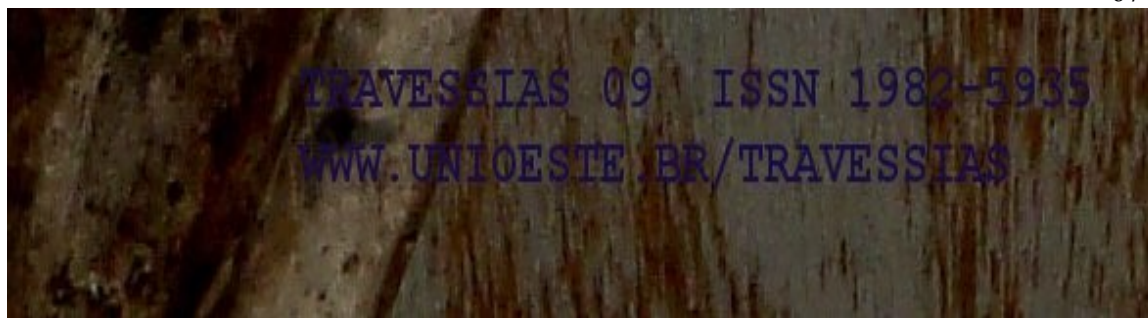
Palavras chave: Representações Sociais, Comunicação, Difusão.

ABSTRACT: The aim of this paper is to demonstrate by the type of social representations and communicative acts, systematization developed by Serge Moscovici, the relationship between these two conceptual universes and how the spread can also subsidize the construction of social representations of the type controversy. This study was based on sampling all the news published by the newspaper Folha de Sao Paulo between 2005 and 2009, during which occurred the process of demarcation and ratification of the Raposa / Serra do Sol in Roraima (Brazil). The categorization of the corpus (GLASER AND STRAUSS, 1967; GLASER, 1978; STRAUSS 1987, STRAUSS AND CORBIN, 1999/1998) and subsequent statistical analysis using SPSS software to identify the possible relationship between communicative acts and the dissemination of the type RS polemics.

¹ Professor Assistente da faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás - UFG. Doutorando em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás PUC GO. E-mail: milsonprof@gmail.com

² Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Goiás - Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: simonetuzzo@hotmail.com

**Claudomilson Fernandes Braga
Simone Antoniaci Tuzzo**



Keywords: Social Representation, Communication, Broadcasting.

O campo representacional: conceitos e implicações teóricas

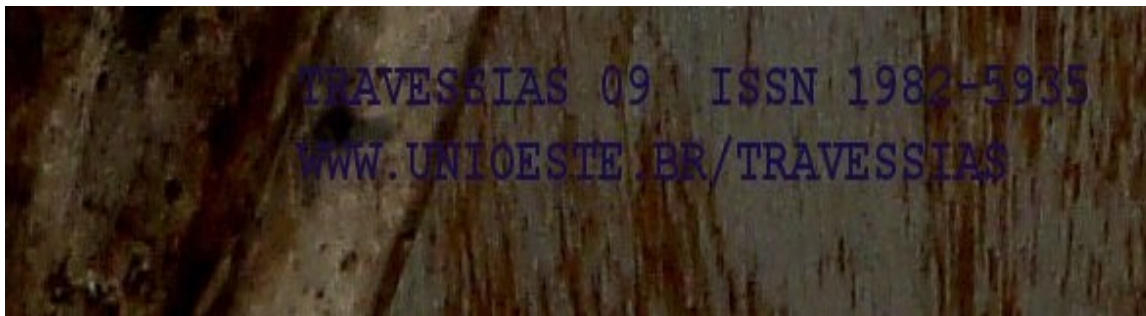
As representações sociais foram descritas por Moscovici (1978) em seu livro *La psychanalyse, son image et son public*. O objetivo de Moscovici foi estudar os processos psicossociológicos existentes e subjacentes ao modo como a Psicanálise foi transformada em conhecimento do senso comum. Após a publicação de Moscovici (1978), muitos outros autores em todas as ciências sociais passaram a utilizar a noção de representações sociais – de modo que na atualidade o campo de pesquisa iniciado pela Teoria das Representações Sociais – como dotado de um objeto com realidade própria, é capaz de constituir um ponto sólido no desenvolvimento da Psicologia Social.

De acordo com a Teoria, representações sociais são “sistemas de valores, noções e práticas que proporcionam aos indivíduos os meios para orientar-se no contexto social e material (...) que tornam inteligíveis a realidade física e social, integram-se em um grupo ou em uma relação cotidiana de intercâmbios” (MOSCOVICI, 1978, p. 79).

Jodelet (2001) conceitua representações sociais como uma “modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com o objetivo prático que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (p. 36). Neste sentido e partindo da definição de representação social como uma forma de conhecimento prático, Spink (1993) insere as representações sociais entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum e procura situar a abordagem da Psicologia Social entre as demais correntes que se debruçam sobre a questão do conhecimento. As representações Sociais para Rouquette (2005) seriam um *espécimen* gerada e englobada por uma formação ideológica, de nível hierárquico superior enquanto forma de pensamento.

Em nítido contraste com as correntes que se debruçam sobre os saberes formalizados ou não, Spink (1993) afirmar que as representações sociais procuram superar a clivagem entre ciência e senso comum, tratando ambas as manifestações como

Claodomilson Fernandes Braga
Simone Antoniaci Tuzzo



construções sociais sujeitas às determinações sócio-históricas. É, portanto a dialogicidade social, esta capacidade humana de conceber, criar e comunicar as realidades sociais (MARKOVÁ, 2006).

Neste mesmo sentido, Arruda (2002) define as representações sociais como um “conjunto de conceitos, frases e explicações originadas na vida diária durante o curso das comunicações interpessoais” (p. 127), onde o fato de representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto (JODELET, 2001).

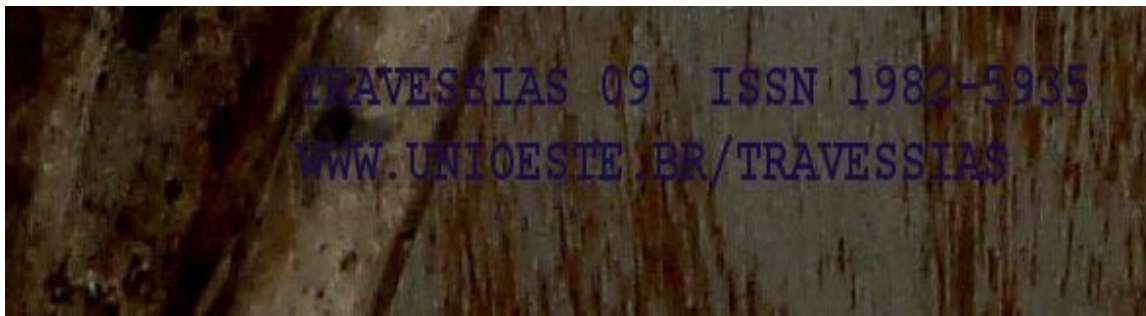
Outro aspecto importante na compreensão do conceito de representação social é o seu papel na formação de condutas. É ela que modela o comportamento e justifica sua expressão. Segundo Moscovici (1978) as representações sociais são uma preparação para a ação, tanto por conduzir comportamentos, como por modificar e reconstituir os elementos do meio ambiente que o comportamento deve ter lugar.

Com essa visão Moscovici (1978) assinala sua concepção do social, do coletivo racional que não pode ser concebido apenas como um conjunto de cérebros processadores de informações, não aceitando, portanto, a idéia de que os grupos e indivíduos estejam sempre e completamente sob o domínio ideológico de classes sociais, do estado, da igreja ou da escola. Para o autor, a Psicologia Social deve se interessar pela cognição social, ou seja, pela criação entre os seres humanos das representações sociais consensuais.

Nesta perspectiva Vala (2006) - a partir dos pressupostos de Moscovici (1978) - esquematiza e retira definitivamente as representações sociais do âmbito da função mediação e a transforma em parte integrante do processo, agora com uma função independente. Assume conforme dizeres de Vala (2006) “o estatuto de variável independente” (p. 459).

Tipologia das Representações Sociais

**Claodomilson Fernandes Braga
Simone Antoniaci Tuzzo**



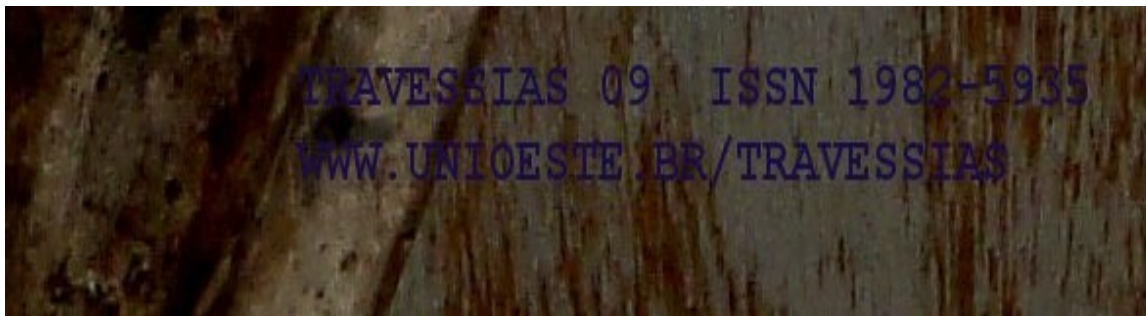
Moscovici (1978) apresenta uma tipologia das Representações Sociais no intuito de demonstrar como o contraste entre os diferentes tipos de representações confirma os distintos tipos de relações sociais em contraposição ao pensamento individual e coletivo.

Segundo o autor, as representações sociais podem ser classificadas em hegemônicas, emancipadas e polêmicas. As representações sociais hegemônicas são equivalentes ao conceito de representações coletivas definido por Durkheim (1989) e designam as formas de conhecimento e significados largamente partilhados por um grupo fortemente estruturado. Estas representações são segundo Vala (1997; 2006), uniformes, indiscutíveis e coercitivas, pode-se supor que têm o seu ponto de ancoragem, sobretudo nas crenças e valores largamente difundidos e referem à natureza do homem e à natureza da ordem social.

O segundo tipo, as representações emancipadas, reflete a cooperação entre os grupos, resultando da troca de significados diferentes do mesmo objeto. São modalidades de conhecimento com alguma autonomia em relação ao grupo que está inserida (VALA, 2006). Como nota Moscovici (1978) a propósito das Representações Sociais sobre a doença mental (JODELET, 1989), as Representações Sociais emancipadas resultam da comunicação que atravessa diferentes grupos, ancoram numa memória e numa experiência partilhadas, nas atividades de coordenação social entre grupos, e não são nem coercivas nem indiscutíveis. (VALA, 1997; 2006)

O terceiro e último tipo apresentado por Moscovici (1978) são as representações sociais polêmicas, normalmente geradas no seio do discurso dos conflitos sociais. Determinadas pelas relações antagônicas entre grupos, refletem “pontos de vista exclusivos sobre um mesmo objeto” (VALA, 2006. p. 462). Uma vez ancoradas em grupos antagônicos, situando-se na organização simbólica da estrutura social pelos indivíduos. Elas se ancoram nas identidades sociais e nas relações conflituosas entre os grupos.

Neste sentido, as Representações Sociais, sejam elas emancipadas, polêmicas ou hegemônicas envolvem meta-informações acerca dos grupos que a partilham. Este sistema de categorização e de interpretação (Vala, 2006) e de uma linguagem partilhada, são



condições propícias para que a comunicação se possa processar. “As Representações Sociais são, assim, o suporte básico dos atos comunicativos” (VALA, 2006, p. 484).

Atos Comunicativos

Nos estudos das Representações Sociais da Psicanálise, Moscovici (1978) analisou a relação entre sistemas de comunicação e as representações sociais a partir de três veículos distintos: a revista *Elle*, um jornal cristão – *La Croix* – e um jornal comunista, *L’Humanité*.

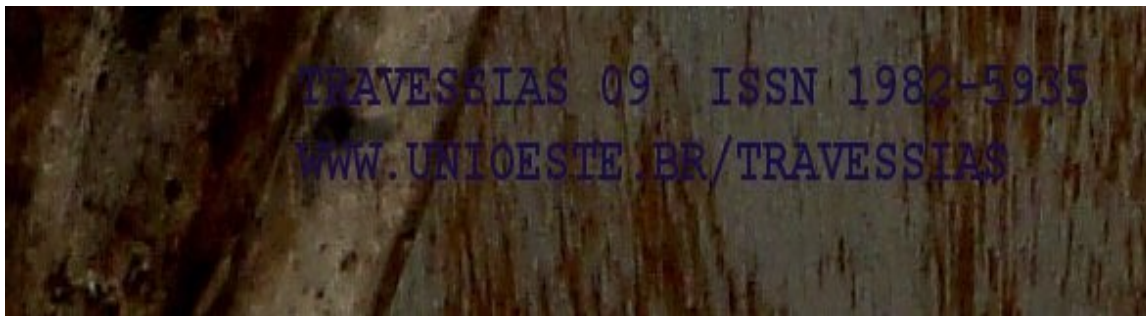
A análise de Moscovici possibilitou a sistematização de três sistemas de comunicação: a propagação, a difusão e a propaganda, cujos sistemas, conforme Vala (2006) dá ao conhecimento aparência e forma e ao mesmo tempo contribui para a configuração e formação dos intercâmbios comunicativos, onde cada sistema de comunicação (Nóbrega, 2003) é particular aos laços estabelecidos entre emissor e o receptor.

A propagação tem a finalidade de “integrar uma informação nova no sistema de valores do grupo” (VALA, 2006, p. 476), exigindo uma organização mais complexa da mensagem, cujas características se aproximam do conceito de atitude, aqui compreendida como uma organização psíquica que possui uma relação positiva ou negativa com um objeto (NÓBREGA, 2003).

A difusão não se dirige a um público específico, mas a uma pluralidade de públicos. As mensagens são organizadas de forma indiferenciada ignorando as diferenças sociais. A difusão visa (VALA, 2006, p. 477) “exatamente o nível da indiferenciação, onde os diversos membros dos diversos grupos sociais se tornam intermutáveis”. A noção de difusão está rateada a aceção da opinião, a medida (Nóbrega, 2003) que o conceito de difusão e de opinião evocam certa descontinuidade tendo como resultado a instabilidade das posições assumidas pelos atores sociais sujeitos a difusão.

Ao contrário da difusão e da propagação, a propaganda oferece uma visão de mundo conflituosa e clivada (VALA, 2006; NÓBREGA, 2003). Contribui para a identidade de um grupo e ao mesmo tempo constrói a imagem negativa do outro. Demanda a auto-

Claudemilson Fernandes Braga
Simone Antoniaci Tuzzo



afirmação do grupo, colocando-o numa posição de antagonismo em relação ao outro. Neste sentido, a propaganda através daquilo que Nóbrega (2003) denominou de elaboração instrumental, forja um saber estereotipado.

Vala (2006) ainda salienta que os atos comunicativos são muitas vezes, atos de debate, de discussão e argumentação no interior dos grupos ou entre os grupos, mas são essencialmente atos comunicativos de partilha de consenso.

A construção teórica elaborada por Vala (2006) indica uma relação entre os atos comunicativos e a tipologia das representações sociais de tal forma que a sistematização elaborada pelo autor aponta para a seguinte estrutura: as representações sociais do tipo polêmicas se relacionam diretamente com os atos comunicativos do tipo ... Os atos comunicativos do tipo ... se relacionam conforme os dizeres de Vala (2006) com as representações sociais do tipo ... e por último os atos comunicativos do tipo ... associam-se às representações sociais do tipo...

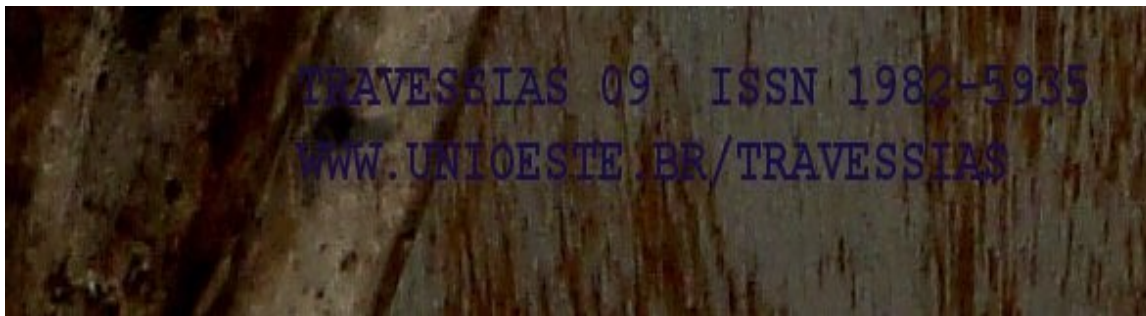
Amostra, resultados e discussão

Amostra

A amostra deste estudo foi composta por 268 ($n=268$) notícias publicadas no jornal diário Folha de São Paulo entre os anos de 2005 e 2009. A escolha deste período foi intencionalmente determinada, pois compreende desde o processo de homologação da Reserva Indígena pelo Governo Federal e todas as consequências desta homologação que se arrastou por mais de quatro anos até a retirada em definitivo dos não indígenas da área da reserva, após uma batalha judicial.

A escolha dessa amostra teve dois objetivos iniciais, o primeiro, identificar os principais atores sociais envolvidos no processo de demarcação, homologação e posteriormente desocupação da reserva Raposa Serra do Sol e o segundo, investigar as demais questões envolvidas à luz da pirâmide invertida – técnica usual na construção de matérias jornalísticas – observando-se não apenas os critérios metodológicos, mas, sobretudo, aquilo que compreende a perspectiva da pirâmide invertida que são as respostas às seguintes questões na construção da notícia: O quê? Onde? Quem? Quando? Por quê?

Claudemilson Fernandes Braga
Simone Antoniaci Tuzzo

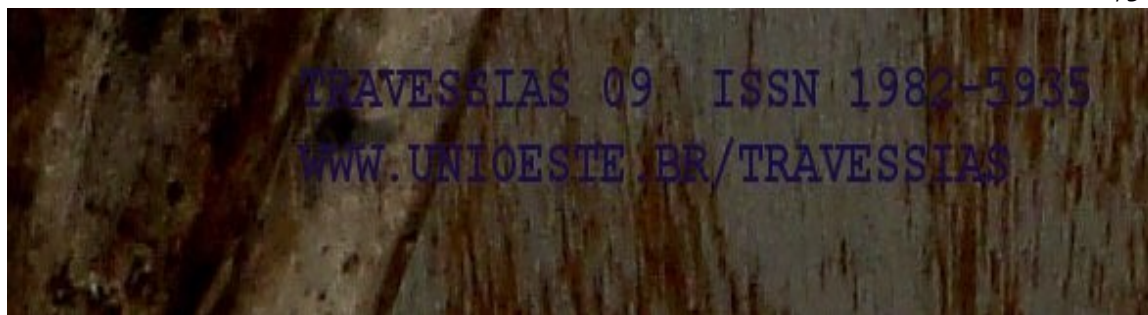


Com características de uma pesquisa qualitativa documental, do tipo exploratória, a pesquisa teve como principal metodologia o método de manipulação de dados narrativos (STRAUSS, 1987) tendo como principal consequência o embasamento teórico na construção ou comprovação de uma teoria..

Também definida como codificação teórica (STRAUSS E GLASER, 1967; GLASER, 1978; STRAUSS, 1987; STRAUSS E CORBIN, 1999/1998), a manipulação de dados narrativos visa à ancoragem de dados para abastecer e definir quais os próximos passos da coleta de forma integrada.

Composta por três fases, a codificação teórica compreende a codificação aberta, onde o autor apresenta perguntas básicas: o quê? Quem? Como? Quando? Por quê? Por meio do quê? Cujas respostas possibilitam ordenar as informações através da técnica *flip-flop* e embasar o passo seguinte da codificação. A segunda fase denominada de codificação axial trata do aprimoramento das categorias resultantes da codificação aberta, possibilitando um ajuntamento da grande quantidade de categorias identificadas, possibilitando nesta fase a redução do conteúdo e a relação entre as categorias, diminuindo desta forma o volume do *corpus* textual; a terceira fase - codificação seletiva - permite um nível elevado de abstração e a possibilidade do agrupamento das categorias em famílias de codificação, ou seja, nesta fase os conteúdos já podem ser interpretados dando subsídios a construção de uma nova teoria ou a corroboração de uma teoria em construção.

Resultados e discussão



A análise preliminar dos dados buscou não só identificar os principais atores sociais envolvidos e a frequência média da participação destes atores como protagonistas das notícias, mas a relação direta destes atores com as demais questões existentes na pirâmide invertida.

Posteriormente, ao estudo exploratório que possibilitou identificar os atores, foi possível avaliar de forma estatística a medida de tendência central, fornecendo um escore típico desta amostra (Dancey e Reidy, 2006; Malhotra, 2006) e o desvio padrão, possibilitando visualizar quanto os valores médios variam entre o máximo e o mínimo, ou seja, o desvio padrão, dando a exata indicação de quanto à amostra varia entorno da média (Dancey e Reidy, 2006; Malhotra, 2006).

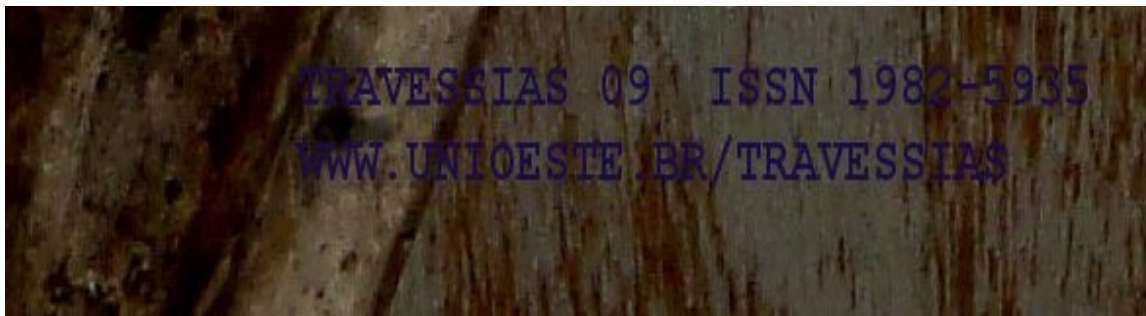
Tabela 1 – Atores sociais - frequência média e percentual válido das notícias veiculadas.

Fonte: Dados primários.

		Who			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Índigena	36	13,4	13,4	13,4
	Arrozeiros	37	13,8	13,8	27,2
	Políticos	57	21,3	21,3	48,5
	Outros (STF, Antropólogos, FUNAI, Folha de São Paulo)	136	50,7	50,7	99,3
	Pesquisadores	2	,7	,7	100,0
	Total	268	100,0	100,0	

Apesar do item 'outros' apresentar a maior frequência e o maior percentual de participação válido, no conjunto da amostra, a sua representatividade se observarmos individualmente cada tópico que constitui o item, ficando cada um individualmente com uma frequência média de 34,6 ($136/4 = \text{média de } 34,0$) e com um percentual válido de participação de 12,6%, estando, portanto, próximo aos demais tópicos listados.

Claodomilson Fernandes Braga
Simone Antoniaci Tuzzo



Em virtude do evento de homologação e desocupação da Reserva Raposa Serra do Sol está diretamente relacionada a uma decisão política, explica a maior participação dos políticos no conjunto das notícias. Com um percentual válido de participação de 21,3% o tópico políticos deteve 57 notícias do total de 268 analisadas no conjunto da amostra.

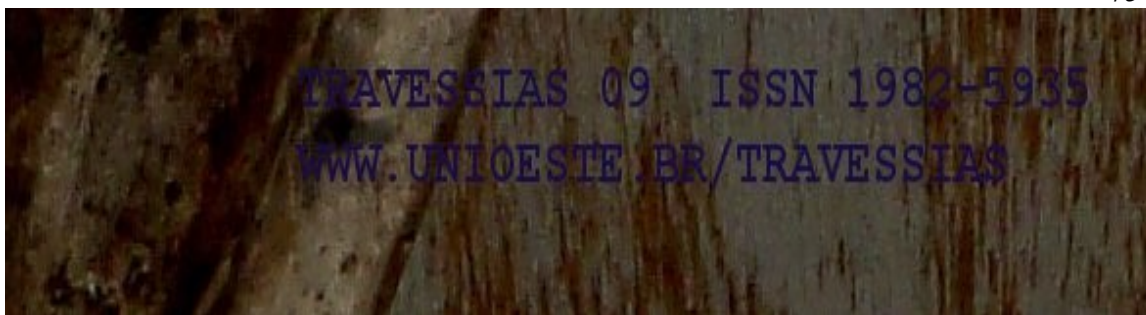
O tópico indígena obteve uma frequência média de 36 notícias, representando um percentual válido de participação de 13,4% no conjunto, ficando muito próximo ao item arroteiros com uma participação de 37 notícias do conjunto e um percentual válido de 13,8%.

Deste modo, os principais atores sociais envolvidos são os indígenas pertencentes a CIR (Conselho Indígena de Roraima) num total de aproximadamente 16.000 indígenas das etnias macuxi, wapichana, ingarikó, patamona e taurepang e favoráveis a demarcação da Raposa Serra do Sol em terras contínuas; os arroteiros que compreendem os rizicultores, os trabalhadores não indígenas, e os indígenas da SODIUR (Sociedade dos Índios Unidos do norte de Roraima) representados por cerca de 5.230 indígenas contrários a demarcação da Reserva em terras contínuas.

A classe política, composta basicamente por políticos dos poderes executivo e legislativo do estado de Roraima e de alguns escalões do poder central em Brasília, tais como o Ministério da Justiça, Representantes das Forças Armadas e a própria presidência da República.

O item denominado como 'outros' representam todas as demais partes envolvidas e ouvidas no processo de homologação e posterior desocupação da área. O Superior Tribunal Federal responsável pela decisão da homologação e posteriormente pela decisão da desocupação da área. A FUNAI, como responsável pela gestão do processo e os antropólogos envolvidos diretamente nos pareceres técnicos que foram utilizados pelo Supremo Tribunal Federal nas audiências de exposição de motivos das partes envolvidas.

O jornal Folha de São Paulo esteve envolvida a partir do momento que veiculou notícias sobre o evento. Entretanto no conjunto da amostra não foi identificada nenhum editorial do jornal. Todas as notícias originadas a partir da editoria do veículo foram cronologias e

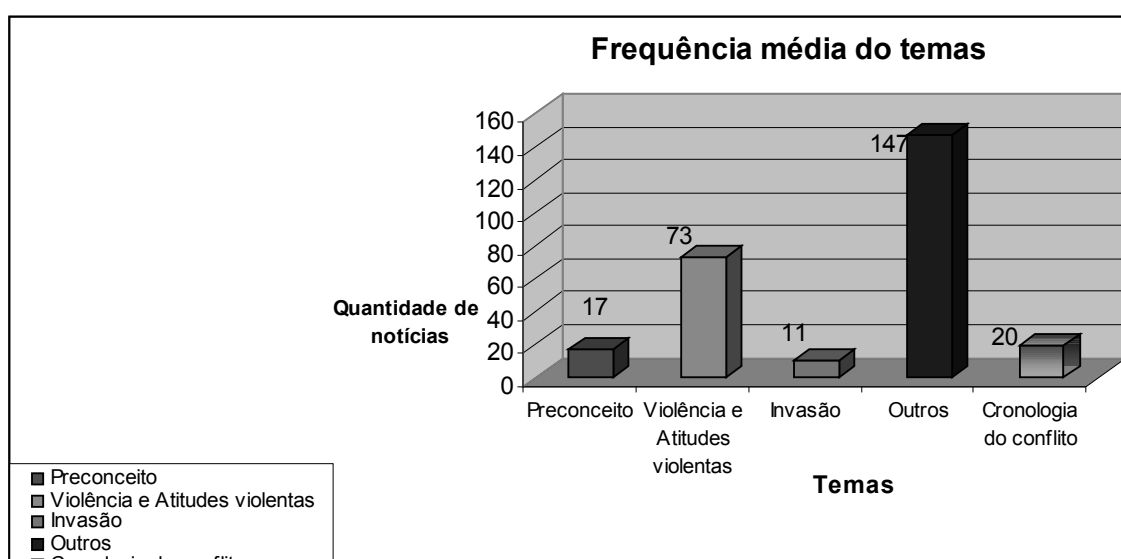


informações de caráter geral sobre o conflito, não existindo nenhuma tomada de posição em relação ao evento noticiado.

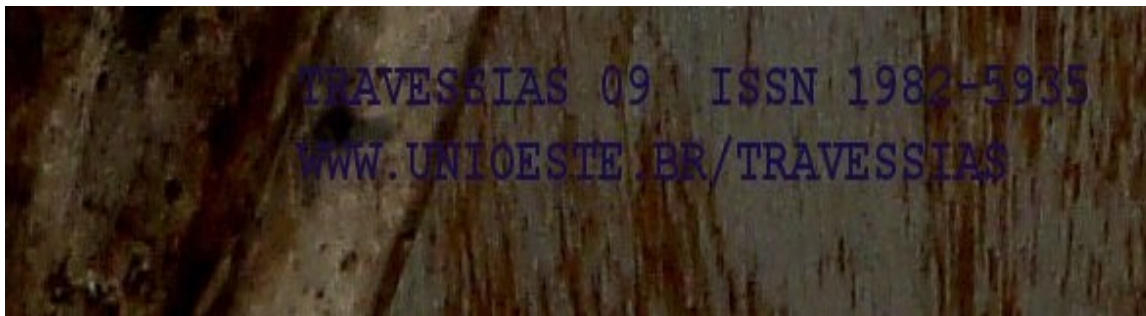
Um dado chama a atenção para a pouca ou quase completa inexistência de pesquisadores como interlocutores. Apesar dos antropólogos terem sido ouvidos, não há uma representatividade de pesquisadores da academia no conjunto das notícias publicadas pela Folha de São Paulo. Apenas 0,7% das notícias – duas notícias - foram geradas a partir das opiniões e informações de pesquisadores.

Os dados descritos na Tabela 1 indicam uma multiplicidade de atores sociais envolvidos no conflito, com posições antagônicas, refletindo aquilo que Vala (2006) denominou de ponto de vista exclusivo sobre um mesmo objeto, que caracteriza as representações sociais polêmicas (MOSCOVICI, 1978), normalmente geradas no seio do discurso dos conflitos sociais.

Na perspectiva dos temas abordados, o gráfico 1 demonstra os cinco principais temas abordados pelas notícias publicadas pelo jornal Folha de São Paulo. Com um volume de 147 notícias, o item outros que compreendem as entrevistas e os comentários dos diversos públicos envolvidos obteve a maioria do percentual válido (54,9%) conforme Tabela 2.



Claodomilson Fernandes Braga
Simone Antoniacci Tuzzo



Os tópicos preconceito, violência / atitudes violentas e invasão, quando somados detiveram 37,6% das notícias publicadas, com um total de 101 notícias. As cronologias do conflito somaram 20 notícias com uma representatividade de 7,5% do conjunto da amostra.

Os dados demonstram que apesar da maioria das notícias falarem de temas paralelos, tais como decisão judicial, prazos, validade das decisões jurídicas, implicações políticas, economia, dentre outros, há um percentual representativo de notícias falando diretamente das questões que envolvem a relação entre indígenas e não indígenas e uma parte – em que pese o seu percentual – da cronologia do conflito.

Ao mesmo tempo em que a diversidade de temas sobre o mesmo objeto reflete o caráter polêmico da comunicação gerada pelo jornal Folha de São Paulo, também indica que as representações sociais geradas por estes temas - partindo do pressuposto de que “as representações sociais são o suporte básico dos atos comunicativos” (VALA, 2006, p. 484) - se caracterizam como polêmicas e são geradas numa perspectiva de difusão.

A Tabela 2 que trata dos assuntos abordados indica os atos comunicativos construídos pelo jornal Folha de São Paulo. Pode-se caracterizar estes atos comunicativos como difusão, primeiro pelo fato de não se dirigir a um público específico, mas a uma pluralidade de públicos. Segundo, pelo fato das mensagens terem sido organizadas de forma indiferenciada ignorando as diferenças sociais.

Ou como definiu Vala (2006), a difusão visa o nível da indiferenciação, tornando os diversos membros dos diversos grupos sociais intermutáveis. E por último, como definiu Nóbrega (2003), a difusão evoca certa descontinuidade tendo como resultado a instabilidade das posições assumidas pelos atores sociais sujeitos a difusão.

Portanto, há um claro conjunto de características conceituais que caracterizam os atos comunicativos gerados pela Folha de São Paulo no caso da homologação / desocupação da TI Raposa Serra do Sol como atos comunicativos do tipo difusão (MOSCOVICI, 1978; VALA, 2006; NÓBREGA, 2003) e tendo as representações sociais como suporte deste tipo de ato comunicativo, se pode inferir que o conjunto de notícias que compõem a amostra se constitui em representações sociais polêmicas.

Claodomilson Fernandes Braga
Simone Antoniacci Tuzzo

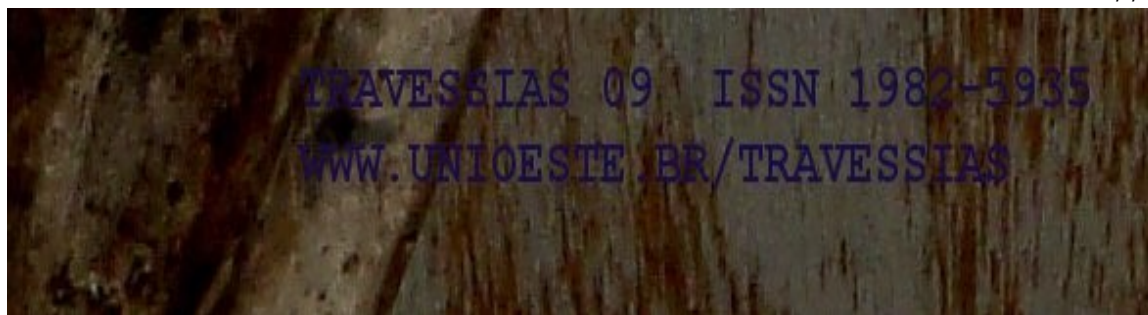


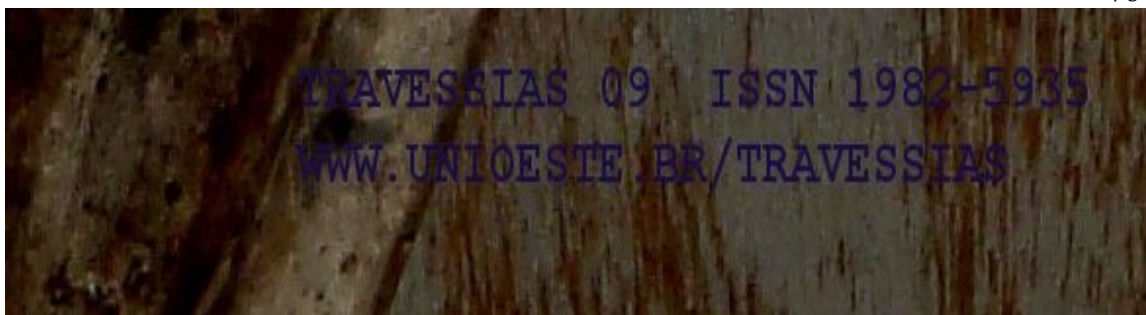
Tabela 2 – Temas abordados

		What			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Preconceito	17	6,3	6,3	6,3
	Violência e atitudes violentas	73	27,2	27,2	33,6
	Invasão	11	4,1	4,1	37,7
	Outras (comentários, entrevistas)	147	54,9	54,9	92,5
	Cronologia do Conflito (Folha de São Paulo	20	7,5	7,5	100,0

Fonte: Dados primários.

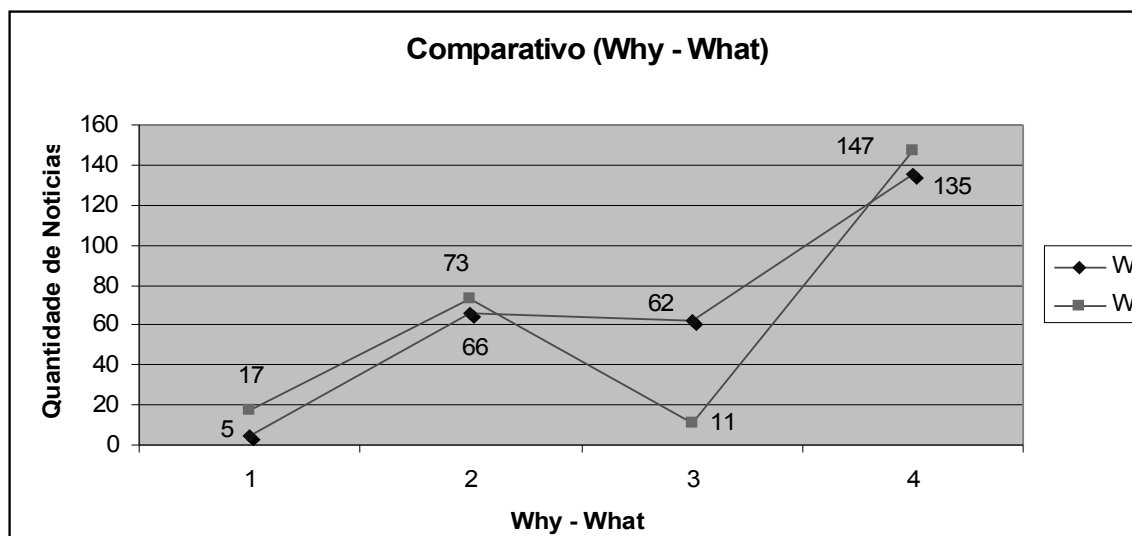
Ao relacionar as categorias *what* – *why* (Gráfico 2), onde a relação entre os itens de análise *why* (demarcação em ilhas, demarcação contínua, questões de ordem jurídica, outras) – *what* (preconceito, violência e atitudes violentas, invasão, outras) indica a existência de uma proximidade em termos numérico, demonstrando que a maioria dos por quês se

Claudemilson Fernandes Braga
Simone Antoniacci Tuzzo



relacionam diretamente com o item o que da notícia, ou seja, ao se falar de demarcação em ilhas (5 notícias) há uma vinculação com o item preconceito (17 notícias).

Gráfico 2 – Correlação categorias de análise wht / why.

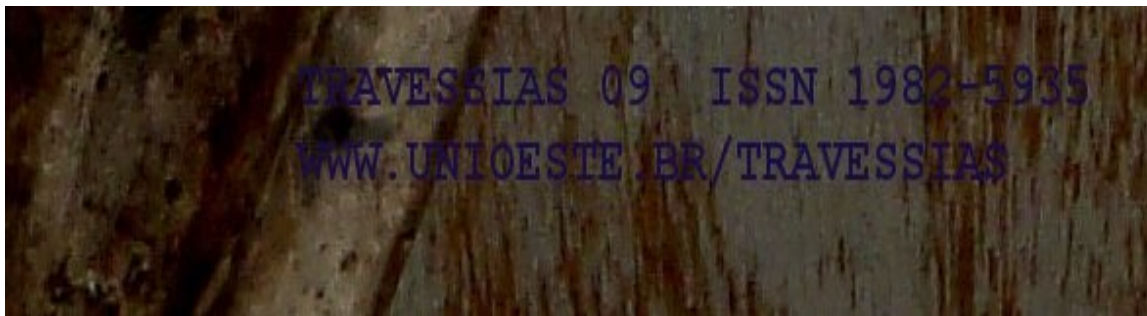


Fonte: primária

A distancia numérica é perfeitamente explicável se observarmos aquilo que Pettigrew e Meertens (1999) definiu como preconceito sutil, ou seja, concordar com a demarcação em ilhas é contrariar uma tendência social e normativa. Até se pode falar das situações de preconceito contra os indígenas, mas não relacionar esta situação ao tipo de demarcação. É, portanto, adequado condenar as expressões flagrantes do preconceito.

Quando se noticiou sobre a demarcação em terras contínuas (66 notícias) houve uma relação direta com violência e atitudes violentas (73 notícias), ou seja, o tema demarcação em terras contínuas suscitou aspectos de violência e de atitudes violentas. Ao inserirmos a variável *who* (itens indígenas e arroteiros) as partes mais interessadas no processo (Tabela 1) verifica-se que esta proximidade é mantida – 66 notícias (*why*); 73 notícias (*what*) e 73 notícias (*who*) – demonstrando que no conjunto de notícias da amostra a frequência das variáveis *what* e *why* possuem uma relação direta com a variável *who*.

No número três há um distanciamento perfeitamente compreendido entre as questões de ordem jurídica e o item invasão, visto as questões jurídicas envolvem uma série



de possibilidades, enquanto o item invasão representa apenas uma parte de um todo mais amplo que envolveu a homologação da TI Raposa Serra do Sol. No número quatro os valores absolutos voltam a se aproximar e os itens o que e por que das notícias tiveram uma relação direta, fato explicado pela grande concentração de notícias agrupadas neste tópico.

Desta forma, os resultados e a discussão realizada indicam que o conjunto de notícias publicadas pelo jornal Folha de São Paulo entre os anos de 2005 e 2009 sobre o processo de homologação e posterior desocupação da TI Raposa Serra do Sol no estado de Roraima, se constituem em atos comunicativos do tipo difusão pela sua multiplicidade de temas e pluralidade de públicos e, sobretudo, pela inobservância de organização (VALA, 2006) em relação aos públicos.

A discussão também evidenciou o caráter polêmico dos atos comunicativos gerados pela Folha de São Paulo. Tendo como pressuposto que as Representações Sociais são o suporte básico dos atos comunicativos, se pode, portanto, inferir que, num sentido contrário, os atos comunicativos constroem as Representações Sociais.

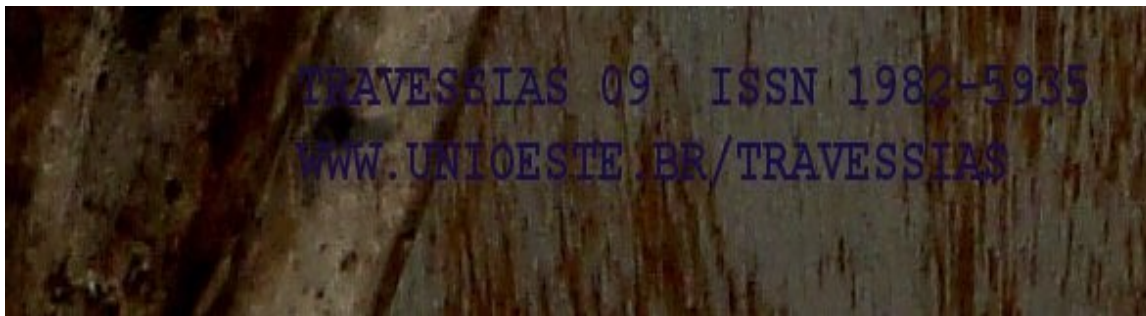
Visto por este prisma, os resultados e as discussões evidenciam que as Representações Sociais geradas pelos atos comunicativos – do tipo difusão – que conforme (VALA, 2006; NÓBREGA, 2003. MOSCOVICI, 1978) constroem representações sociais do tipo emancipadas, também podem construir representações sociais do tipo polêmicas.

Assim, a amostra das notícias veiculadas pelo jornal Folha de São Paulo se constituem em um conjunto de informações, cuja característica se situa no âmbito da difusão e, a construção das representações sociais geradas por este conjunto de informações se caracteriza como sendo do tipo polêmica.

Conclusões

As preposições da teoria das Representações Sociais desenvolvidas por Serge Moscovici indicam que os atos comunicativos do tipo difusão constroem RS do tipo

Claodomilson Fernandes Braga
Simone Antoniaci Tuzzo



emancipadas edificando as condutas na formação de opiniões sobre o objeto representacional.

Os dados preliminares do *corpus* das notícias veiculadas pelo jornal Folha de São Paulo indicam que esta é uma possibilidade concreta, mas não necessariamente única. Os dados comunicativos do tipo difusão, conforme apresentados nos dados da pesquisa empírica também podem edificar atitudes, assim como opiniões, mas, sobretudo podem construir Representações Sociais do tipo polêmicas .

A multiplicidade de temas e de públicos envolvidos caracteriza esta nova possibilidade teórica e abre um campo de estudo possível na compreensão das Representações Sociais a partir dos atos comunicativos e da comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, A. *Teorias das representações sociais e teorias de gênero*, Cadernos de pesquisa, n. 117, n.º. 1ve2m7-b1r4o7/,2n0o0vmbro.2002.

CAMPOS, P. H. F. (2003). *A abordagem estrutural e o estudo das relações entre práticas e representações sociais*. In: P. H. F. Campos & M. C. da S. Loureiro. (Eds.), *Representações sociais e práticas educativas* (pp. 22-36). Goiânia: UCG.

DANCEY, C. P., REIDY, John. *Estatística sem matemática para Psicologia*. Tradução: Lorí Vialí. 3. ed. Porto Alegre: Artmed. 2006.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas. 1989.

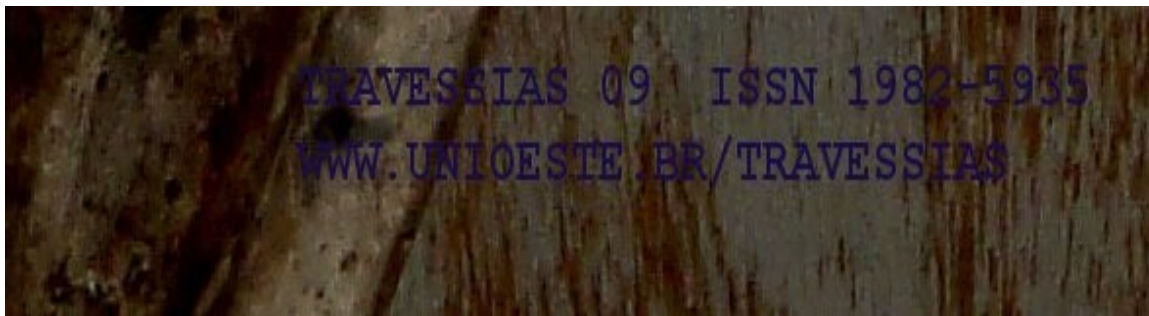
JODELET, Denise. *Representações Sociais: um domínio em expansão*. In: Jodellet, D. (Org.). *As representações Sociais*. Tradução: Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1989

_____. *As Representações Sociais*. Tradução: Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.

MALHOTRA, Naresh K. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. Tradução: Laura Bocco. 4. ed. Porto Alegre: Bookman. 2006

MARKOVÁ, Ivana. *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Claudomilson Fernandes Braga
Simone Antoniaci Tuzzo



MOSCOVICI, Serge. *A representação social da Psicanálise*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

NÓBREGA, Sheva Maia. Sobre a teoria das representações sociais. In: Moreira, A. S. P. Jesuíno, J. C. (2003). *Representações Sociais: teoria e prática*. 2. ed. rev. ampl.. João Pessoa: Universitária. 2003.

PETTIGREW, T. F., & MEERTENS, R. W. (1995). *Subtle and blatant prejudice in western Europe*. *European Journal of Social Psychology*, 25, 57-75.

ROUQUETTE, M. L. As representações sociais no quadro geral do pensamento social. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno & S. M. Nóbrega (Eds.), *Perspectivas teórico metodológicas em representações sociais* (pp. 189-199). João Pessoa: UFPB. 2005.

SPINK, Mary Jane. *O conceito de representação social na abordagem psicossocial*. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, Sept. 1993. Available from: http://www.scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300017&Ing=em&nrm=isso. access on 24 July 2009. doi: 101590/S0102=311X1993000300017. 1993.

STRAUSS, A. L. *Qualitative analysis for social scientists*. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

STRAUSS, A. L. CORBIN, J. *Basic qualitative Research*. London: SAGE. 1998.

TORRES, Ana R. R. *Representação social: elementos teóricos, história, atualidade e aplicações*. Goiânia. (2009).

VALA, Jorge. *Representações Sociais e percepções intergrupais*. *Análise Social*, vol. xxxii (140), (1º), 7-29. 1997.

VALA, Jorge. MONTEIRO, Maria B. *Psicologia Social*. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2006.